

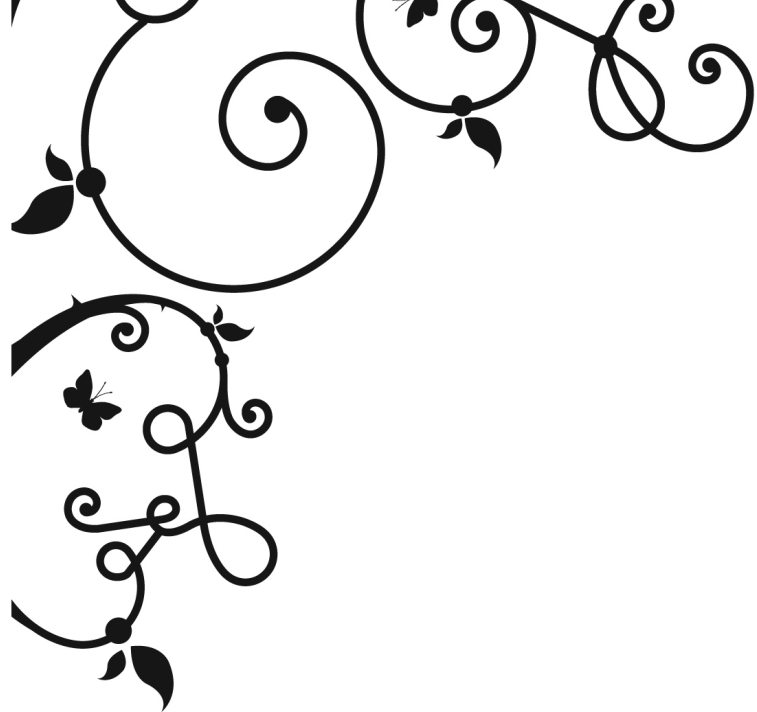
# A FILHA DO FERRO

JULIE KAGAWA

TRADUÇÃO:  
DÉBORA ISIDORO



Editora  
Underworld



PARTE I





CAPÍTULO UM  
*A Corte de Inverno*

O Rei do Ferro estava na minha frente, magnífico com o belo cabelo prateado esvoaçando como uma cachoeira indomável. O longo casaco negro era batido pelo vento, acentuando o rosto pálido e angular e a pele translúcida, as veias azuis sob a superfície. Havia uma intensa luminosidade no fundo dos olhos negros e os tentáculos de aço, que se abriam a partir de suas costas e dos ombros, o envolviam como um manto de asas, brilhando sob a luz. Como um anjo vingador, ele flutuou na minha direção, a mão estendida e um sorriso triste e terno nos lábios.

Dei um passo à frente para encontrá-lo e os tentáculos me envolveram com carinho, puxando-me para mais perto.

— Meghan Chase. — murmurou o Machina, passando a mão por meu cabelo. Eu estremei, mantendo os braços abaixados enquanto os tentáculos acariciavam minha pele. — Você veio. O que quer?

Franzi o cenho. O que eu queria? Por que estava ali?

— Meu irmão. — respondi, lembrando lentamente. — Você raptou meu irmão, Ethan, para me obrigar a vir. E eu o quero de volta.

— Não. — O Machina negou com a cabeça e chegou mais perto. — Não veio por causa de seu irmão, Meghan Chase. Nem veio pelo príncipe Unseelie que você diz amar. Veio aqui por um motivo, apenas. Poder.

Minha cabeça pulsava e tentei recuar, mas os cabos me seguravam firmes.

— Não. — murmurei, tentando me livrar deles. — Isso... Isso é errado. Não foi assim que aconteceu.

— Mostre-me, então. — O Machina abriu os braços. — Como deveria ser? O que veio fazer aqui? Mostre-me, Meghan Chase.

— Não!

— Mostre-me!

Alguma coisa pulsou em minha cabeça: o pulsar cadenciado da flecha de madeira encantada. Com um grito, levantei o braço e cravei a ponta afiada no peito do Machina, enterrando a flecha em seu coração.

O Machina cambaleou, olhando para mim com uma mistura de choque e horror. Porém, não era mais o Machina e sim um príncipe com cabelos negros e brilhantes olhos prateados. Esguio, forte e perigoso, todo vestido de preto, ele levou a mão à espada em sua cintura antes de perceber que era tarde demais. Ele cambaleou, tentando se manter em pé, e eu sufoquei um grito.

— Meghan. — Ash sussurrou, e vi um fio de sangue escorrendo de sua boca. As mãos agarraram a flecha enterrada em seu peito e ele caiu de joelhos, os olhos claros buscando os meus. — Por quê?

Tremendo, ergui as mãos e as vi cobertas de um vermelho brilhante que escorria pelos braços, pingando no chão. Sob a cobertura pegajosa, coisas se retorciam sob a pele, pressionando a superfície como parasitas em sangue. Em algum lugar no fundo da mente, eu sabia que deveria estar apavorada, aterrorizada, enojada. Mas não estava. Sentia-me poderosa, forte, como se uma corrente elétrica pulsasse sob minha pele, como se eu pudesse fazer tudo que quisesse sem ninguém capaz de me impedir.

Olhei para baixo, para o príncipe Unseelie, e desdenhei da figura patética. Eu havia mesmo amado aquela criatura tão fraca?

— Meghan. — Ash estava ajoelhado, a vida escorrendo pouco a pouco de seu corpo, enquanto ele lutava para permanecer vivo. Por um breve momento, admirei sua teimosia e tenacidade, mas elas não salvariam sua vida no final. — E seu irmão? — ele perguntou. — E sua família? Eles esperam que você volte para casa.

Cabos de aço se estenderam partindo de minhas costas e de meus ombros, abrindo-se à minha volta como asas. Olhei para o príncipe Unseelie, impotente diante de mim, e sorri paciente.

— Eu *estou* em casa.

Os cabos chicotearam num lampejo prateado, encontrando o peito do encantado e empurrando-o contra o chão. Ash se debateu, sua boca se abriu num grito mudo e sua cabeça pendeu para trás. Ele estilhaçou como cristal no concreto.

Cercada pelos restos cintilantes do príncipe Unseelie, joguei a cabeça para trás e gargalhei, as gargalhadas se tornaram num grito alucinante quando acordei sobressaltada.

Meu nome é Meghan Chase.

Estou no palácio encantado de Inverno há algum tempo. Quanto tempo, exatamente? Não sei. O tempo não flui de maneira normal nesse lugar. Enquanto estive presa no Nevernever, o mundo exterior, o mundo normal, continuou sem mim. Se algum dia eu sair daqui, se conseguir voltar para casa, talvez descubra que cem anos se passaram na minha ausência, como Rip van Winkle, e toda minha família e meus amigos estão mortos.

Tento não pensar muito nisso, mas, às vezes, é impossível não especular.

Meu quarto era frio. Eu sempre estava com frio. *Eu* estava sempre fria. Nem mesmo as camas cor de safira na lareira podiam banir ou aplacar o frio incessante. Paredes e tetos eram feitos de gelo opaco, fosco; o lustre cintilava com milhares de pingentes de gelo. Esta noite eu vestia calça grossa, luvas, suéter pesado e chapéu de lã, mas não era suficiente. Do lado de fora da janela, a cidade subterrânea dos encantados de Inverno brilhava com uma auréola gelada. Formas

escuras saltavam e tremulavam nas sombras, garras lampejantes, dentes e asas. Estremeci e olhei para o céu. O teto da vasta caverna era muito alto para que eu pudesse vê-lo na escuridão, mas milhares de luzes pequeninas, bolas de fogo encantado ou fadas, talvez, cintilavam como um manto de estrelas.

Alguém bateu na porta.

Eu não respondi *entre*. Havia aprendido que não devia fazer tal coisa. Estava na Corte Unseelie e convidar alguém a entrar em seu quarto era uma ideia muito, muito ruim. Eu não podia mantê-los completamente fora, mas os encantados seguiam uma regra acima de todas as outras, e por ordem de sua rainha, eu não devia ser incomodada, a menos que solicitasse.

Deixá-los entrar em meu quarto poderia soar quase como essa solicitação.

Atravesssei o aposento notando as nuvens de vapor criadas por minha respiração e abri a porta com cuidado.

Um gato negro e brilhante estava sentado no chão do outro lado, a cauda enrolada em torno dela mesma, os olhos amarelos fixos em mim com uma intensidade irritante. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele chiou e se lançou pela fresta da porta, para dentro do quarto.

— Eil!

Eu me virei, mas o gato não era mais um gato. Quem estava ali era Tiaothin, a puca, e ela sorria para mim mostrando os longos caninos. É claro. Só podia ser a puca; eles não seguiam regras sociais. De fato, pareciam sentir um grande prazer em quebrá-las. Orelhas peludas brotavam dos cabelos com *dreadlocks*, movendo-se periodicamente. A criatura vestia uma jaqueta enfeitada por pedras falsas e tachinhas, *jeans* rasgados e botas. Diferente daquelas na Corte Seelie, os encantados da Corte Unseelie preferiam roupas “mortais”. Eu não sabia se essa preferência era um desafio direto à Corte Seelie, ou se eles queriam se misturar aos humanos.

— O que você quer? — perguntei cautelosa.

Tiaothin demonstrara um forte interesse por mim desde que eu fora levada à corte, a insaciável curiosidade de um puca, eu supunha.

Conversamos algumas vezes, não muitas, mas ela não era o que eu chamaria de amiga. O jeito como olhava para mim sem piscar, como se me considerasse para o cardápio da próxima refeição, sempre me deixava nervosa.

A puca chiou, passando a língua pelos dentes.

— Não está pronta. — ela disse com sua voz sibilante, me olhando desconfiada — Depressa. Troque de roupa, rápido. Temos que ir logo.

Franzi o cenho. Tiaothin sempre fora difícil de entender, passando tão depressa de um assunto ao outro que era impossível acompanhá-la.

— Aonde vamos? — indaguei.

Ela riu.

— A rainha. — Tiaothin ronronou, movendo as orelhas para frente e para trás. — A rainha mandou chamá-la.

Meu estômago se contorceu. Desde que eu chegara à Corte de Inverno com Ash, temia esse momento. Logo que cheguei ao palácio, a rainha me olhou com um sorriso predador e me dispensou, dizendo desejar falar a sós com o filho. Ela havia prometido mandar me chamar mais tarde. É claro que “mais tarde” era uma expressão imprecisa no mundo dos encantados e desde então eu estivera ansiosa e aflita, esperando Mab lembrar-se de mim.

Aquela também foi a última vez que vi Ash.

Pensar em Ash me fez sentir um arrepio, lembrando-me de quanto tudo havia mudado. Quando cheguei a Faery procurando por meu irmão raptado, Ash era o inimigo, o frio e perigoso filho de Mab, Rainha da Corte Unseelie. Quando a guerra ameaçara eclodir entre as cortes, Mab enviara Ash para capturar-me, esperando me usar como arma contra meu pai, o Rei Oberon. Mas, desesperada para salvar meu irmão, fiz um acordo com o príncipe de Inverno: se ele me ajudasse a resgatar Ethan, eu o acompanharia de volta à Corte Unseelie sem resistir. Naquele momento, eu estava desesperada; precisava de ajuda para enfrentar o Rei do Ferro e salvar meu irmão. Mas, em algum lugar daquela desolada terra estéril de poeira e ferro, percebi que estava apaixonada por ele.

Ash me levava até lá, mas quase não sobrevivera ao confronto com Machina. O Rei do Ferro era muito forte, quase invencível. Contrariando todas as expectativas, consegui derrotar o Machina, resgatar meu irmão e levá-lo para casa.

Naquela noite, cumprindo nosso acordo, Ash foi me buscar. Era hora de fazer o que eu havia prometido. Deixando minha família mais uma vez, segui Ash para Tír Na Nog, a terra de Inverno.

A jornada por Tír Na Nog foi fria, escura e pavorosa. Mesmo com o Príncipe de Inverno ao meu lado, Faery ainda era selvagem e inóspita, especialmente para os humanos. Ash foi o guarda-costas perfeito, alerta e protetor, mas em alguns momentos parecia distante, distraído. E quanto mais penetrávamos no território de Inverno, mais ele se afastava, fechando-se para mim e para o mundo. E ele não me dizia por quê.

Na última noite da nossa jornada fomos atacados. Um lobo monstruoso enviado pelo próprio Oberon nos seguiu, movido pela intenção de matar Ash e levar-me de volta para a Corte de Verão. Conseguimos escapar, mas Ash foi ferido lutando contra a criatura, por isso nos refugiamos em uma caverna de gelo abandonada para que ele pudesse descansar e curar os ferimentos.

Ash ficou em silêncio enquanto improvisei um curativo em seu braço, mas eu senti seu olhar sobre mim enquanto trabalhava. Quando terminei, soltei seu braço e fitei os olhos prateados, Ash piscou, dando a impressão de que estava tentando me entender. Eu esperei, tomada pela expectativa de finalmente poder compreender a razão do repentino afastamento.

— Por que não fugiu? — ele perguntou em voz baixa. — Se aquela coisa houvesse me matado, não teria que vir para Tír Na Nog. Estaria livre.

Eu o encarei séria.

— Fizemos um acordo e eu concordei com as condições. — testei o curativo puxando-o com força. Ash nem gemeu. — O que imaginava? Que por ser humana eu não cumpriria o que prometi? Eu sabia em que estava me metendo e vou manter minha parte do acordo, acon-

teça o que acontecer. E se você pensou que eu o abandonaria só para não ter que enfrentar Mab, certamente não me conhece.

— *É porque* você é humana. — Ash prosseguiu com aquela mesma voz baixa, olhando para mim. — Por isso perdeu uma excelente oportunidade tática. Um encantado de Inverno não teria hesitado, se estivesse no seu lugar. Não se deixaria influenciar pela emoção. Se quer sobreviver na Corte Unseelie, precisa começar a pensar como eles.

— Acontece que não sou como eles. — me levantei e recuei um passo, tentando ignorar o sentimento de mágoa e traição, as estúpidas lágrimas furiosas que faziam meus olhos arderem. — Não sou uma encantada de Inverno. Sou humana, com sentimentos e emoções humanas. E se espera que eu me desculpe por isso, pode esquecer. Simplesmente não posso eliminar meus sentimentos como você.

Virei-me para sair de perto dele, mas Ash levantou-se com velocidade espantosa e segurou meus braços. Parei, mantendo as costas eretas e as pernas firmes, tentando não revelar o repentino tremor. Lutar com ele teria sido inútil. Mesmo ferido e sangrando, Ash ainda era muito mais forte que eu.

— Não sou ingrato. — ele murmurou em meu ouvido, provocando uma reação que eu não pude conter. — Só quero que você entenda. A Corte de Inverno não perdoa os fracos. É da natureza dessas criaturas. Eles vão tentar destruir você, fisicamente e emocionalmente, e nem sempre estarei por perto para protegê-la.

Eu me arrepiei. A raiva desapareceu. Minhas dúvidas e meus medos voltaram. Ash suspirou, e senti sua testa tocar a parte de trás de minha cabeça, seu hálito acariciar minha nuca.

— Não quero que seja assim. — ele admitiu em voz baixa, angustiada. — Não quero ver o que eles vão tentar fazer com você. Um encantado de Verão na Corte de Inverno não tem muitas chances. Mas eu jurei que a traria e tenho que cumprir essa promessa. — ele levantou a cabeça, segurando meus ombros com uma força quase dolorosa. A voz baixou ainda mais, tornando-se sombria e fria. — Então, você tem que ser mais forte que eles. Não pode baixar a guarda, aconteça o que acontecer. Eles vão tentar enganar você com jogos e palavras

bonitas e vão se divertir com sua desgraça. Não deixe que a atinjam. E não confie em ninguém. – depois de uma pausa breve, sua voz ficou ainda mais baixa. – Nem em mim.

— Eu sempre vou confiar em você. – murmurei sem pensar e as mãos dele me apertaram com mais força, virando-me de frente para ele.

— Não. – Ash falou. – Não vai. Sou seu inimigo, Meghan. Nunca se esqueça disso. Se Mab me mandar matá-la, se der a ordem diante de toda a corte, será meu dever obedecer. Se ela ordenar que Rowan ou Sage destrua você lentamente, assegurando sofrimento intenso e prolongado, nada poderei fazer para impedir que eles cumpram a ordem. Está entendendo? Meus sentimentos por você não são importantes na Corte de Inverno. Verão e Inverno estarão sempre em lados opostos e nada vai mudar essa circunstância.

Eu sabia que devia ter medo dele. Ash era um príncipe Unseelie, afinal, e já admitira com todas as palavras que me mataria, se Mab ordenasse. Mas ele também confessara ter sentimentos por mim, sentimentos que ali não tinham nenhuma importância, mas, eu ainda estremecia quando lembrava aquelas palavras. Talvez fosse ingenuidade minha, mas eu não conseguia acreditar que Ash me faria algum mal, mesmo que fosse na Corte de Inverno. Não quando o via olhar para mim como naquele momento, com os olhos prateados cheios de fúria e conflitos.

Ele me olhou por mais um momento, depois suspirou.

— Não ouviu uma palavra do que eu disse, ouviu? – murmurou, fechando os olhos.

— Não tenho medo. – eu disse, o que era uma mentira; estava apavorada com o que Mab e a Corte Unseelie poderiam representar no final daquela jornada. Mas se Ash estivesse comigo, eu ficaria bem.

— Você é teimosa a ponto de ser irritante. – Ash murmurou, passando a mão pela cabeça. – Não sei como vou poder protegê-la, se não tem o menor senso de autopreservação.

Aproximei-me dele e apoiei a mão em seu peito, sentindo as batidas do coração sob a camisa.

— Confio em você. — falei, erguendo-me na ponta dos pés para aproximar meu rosto do dele, deslizando os dedos por seu estômago.  
— Sei que vai encontrar uma solução.

Ele me olhou ávido, a respiração acelerada.

— Está brincando com fogo. Sabe disso, não é?

— É estranho, considerando que é um príncipe do gel... — não consegui terminar, porque Ash me beijou. Eu o abracei, ele passou os braços em torno de minha cintura, e por um momento o frio não conseguiu me tocar.

Na manhã seguinte ele estava novamente distante, quase nem falando comigo, por mais que eu tentasse. Naquela noite chegamos ao palácio subterrâneo da Corte de Inverno e Mab dispensou-me quase imediatamente. Fui levada aos meus aposentos, um quarto frio e pequeno, onde fiquei esperando que Ash fosse me procurar novamente.

Mas ele não foi, e depois de horas de espera em vão, decidi me aventurar pelos corredores da Corte de Inverno e ir procurá-lo. Foi quando encontrei Tiaothin, ou melhor, ela me encontrou na biblioteca, brincando de esconder com um monstro que me perseguia pelos corredores entre as prateleiras. Depois de livrar-se do gigante, ela me disse que o Príncipe Ash não estava mais no palácio e ninguém sabia quando ele voltaria.

— Ash é assim. — ela comentou, sorrindo para mim do alto de uma estante. — Ele raramente está na corte. Você o vê de passagem um dia e de repente *puf*. Ele desaparece por mais alguns meses.

*Por que Ash desapareceria desse jeito?* Eu me perguntava pela bilionésima vez. *Podia ao menos ter me contado para onde ia e quando voltaria. Não precisava ter me deixado sem notícias.*

A menos que estivesse me evitando deliberadamente. A menos que tudo que ele havia dito, o beijo que trocamos, as emoções nos olhos e na voz dele, a menos que nada disso tivesse significado. Talvez tudo isso fosse só uma artimanha para levar-me para a Corte de Inverno.

— Vamos nos atrasar. — Tiaothin ronronou, trazendo-me de volta ao presente, observando-me com seus brilhantes olhos de gato.  
— Mab não gosta de ficar esperando.

— Certo. — respondi desanimada, superando o momento de melancolia. *Ops, é isso mesmo. Tenho uma audiência com a Rainha Encantada de Inverno.* — Só preciso de um minuto para trocar de roupa. — eu esperei e quando Tiaothin não se moveu, eu expliquei. — Estou pedindo um pouco de privacidade, por favor.

Ela riu, estremeceu e transformou-se em um bode preto, que saiu do quarto caminhando sem pressa. Fechei a porta e me encostei nela, sentindo o coração bater depressa no peito. Mab queria me ver. A Rainha da Corte Unseelie finalmente mandava me chamar. Tremendo, afastei-me da porta e caminhei até a cômoda com o espelho de gelo.

Olhei para o meu reflexo, ligeiramente distorcido pelas rachaduras no gelo. Às vezes eu ainda não me reconhecia. Meu cabelo loiro e liso era quase prateado na escuridão do quarto, e meus olhos pareciam grandes demais para o rosto. E havia outras coisas, milhares de pequenos detalhes que eu não conseguia identificar, mas que me diziam que eu não era humana, que era algo digno de medo. E, é claro, havia a diferença mais óbvia. Orelhas pontudas brotando da minha cabeça, um lembrete estridente de que eu não era normal.

Olhei para minhas roupas. Eram quentes e confortáveis, mas eu tinha certeza que me apresentar à Rainha da Corte Unseelie vestindo calça de moletom e suéter não era uma boa ideia.

*Ótimo. Devo me apresentar à Rainha encantada de Inverno em cinco minutos. O que vou vestir?*

Fechei os olhos, tentei invocar o glamour e me cercar dele, projetando-o sobre minhas roupas. Nada. A forte onda de poder que me invadira durante o confronto com o Rei do Ferro parecia ter desaparecido, tanto que eu não conseguia mais nem mesmo projetar a mais simples ilusão. E não era por falta de empenho. Lembrando minhas aulas com o Grimalkin, um gato encantado que eu havia conhecido em minha primeira viagem ao Nevernever, tentei ficar invisível, fazer sapatos levitarem e criar um fogo encantado. Fracasso em todas as tentativas. Não podia mais nem sentir o *glamour*, embora soubesse estar cercada por ele. *Glamour* se alimenta de emoção e quanto mais forte e passional ela é — raiva, desejo, amor —

mais fácil se torna criá-lo. Porém, eu não conseguia acessá-lo como antes. Era como se houvesse voltado a ser a simples Meghan Chase, sem magia nenhuma. Só com orelhas pontudas.

Era estranho; durante anos eu nem soubera ser meio encantada. Há poucos meses, no meu aniversário de dezesseis anos, meu melhor amigo Robbie se revelou como quem realmente era, Robin Goodfellow, o famoso Puck de *Sonho de Uma Noite de Verão*. Meu irmão mais novo, Ethan, havia sido raptado por criaturas encantadas e eu precisava resgatá-lo. Oh, e a propósito, descobri que sou a filha meio humana do Rei Oberon, Senhor do Verão. Foi preciso algum tempo e esforço para eu me acostumar com a ideia, não só com a de ser meio encantada e poder usar a magia dos encantados – o *glamour* – para criar meus próprios encantamentos. Não que eu fosse muito boa nisso, – eu era horrível, para irritação do Grimalkin – mas não era esse o ponto. Eu nem acreditava em fadas naquele tempo, mas agora que a magia se fora, era como se partes minhas estivessem faltando.

Suspirando, abri uma gaveta da cômoda e peguei um *jeans*, camisa branca e um longo casaco preto, vestindo-os rapidamente, temendo morrer congelada. Por um momento, pensei se não deveria vestir algo mais elegante, como um vestido de noite, talvez. Mas decidi que não. A Corte Unseelie preferia trajes informais. Teria mais chances de sobrevivência se tentasse me ajustar aos hábitos locais.

Quando abri a porta, Tiaothin, não mais gato ou bode, me olhou e sorriu.

— Por aqui. – ela chiou, movendo-se pelo corredor gelado. Seus olhos amarelos pareciam flutuar na escuridão. – A rainha está esperando.

Segui Tiaothin pelos corredores escuros e cheios de curvas, tentando olhar para frente. Porém, pelo canto dos olhos, eu via lampejos dos pesadelos que se escondiam nas sombras da Corte Unseelie.

Um espantalho de membros finos abaixado atrás de uma porta como uma aranha gigante, o rosto pálido e emaciado me espiando por uma fresta. Um enorme cachorro preto com olhos brilhantes nos

seguia pelos corredores, sem fazer nenhum barulho, até Tiaothin chiar para ele e afugentá-lo. Dois goblins e um redcap de dentes de tubarão estavam encolhidos em um canto, jogando dados feitos de dentes e pequenos ossos. Quando eu passava, eles começaram a discutir, os goblins acusando o redcap de ter roubado, e eu não olhei para trás, nem mesmo quando ouvi o grito estridente seguido pelo ruído de ossos se quebrando. Tremendo, segui Tiaothin pelo corredor.

O corredor terminou em uma sala ampla com gelo pendendo do teto como lustres cintilantes. Bolas de fogo encantado vagavam entre eles, projetando raios de luz sobre as paredes e no chão. O piso era recoberto de gelo e névoa, e minha respiração formava nuvens de vapor. Colunas de gelo sustentavam o teto, brilhando como cristal translúcido e intensificando a ofuscante coleção de rios de luz e cores girando pela sala. Música sombria e frenética ecoava pela sala, tocada por um grupo de humanos reunidos sobre o palco em um canto. Os olhos dos músicos eram vidrados e eles balançavam enquanto tocavam seus instrumentos, seus corpos assustadoramente magros. Cabelos longos e sem vida pareciam não ser cortados há anos. Porém, eles não davam nenhum sinal de infelicidade ou descontentamento, tocando seus instrumentos com um fervor característico de zumbis, aparentemente cegos para a plateia sobre-humana.

Dúzias de encantados Unseelie se moviam pelo lugar, cada um deles saído diretamente de um pesadelo. Ogros e redcaps, goblins e spriggans, pucas e kobolds, hobs e seres para os quais eu nem tinha um nome, todos se movendo de um lado para o outro na escuridão entrecortada por luzes mutantes.

Examinei rapidamente a sala, procurando cabelos negros e brilhantes olhos prateados. Ele não estava ali.

Do outro lado, um trono de gelo pairava no ar, brilhando com uma luminosidade frígida. Sentada no trono, radiando o poder de uma gigantesca geleira, estava Mab, a Rainha da Corte Unseelie.

A Rainha de Inverno era simplesmente fabulosa. Quando estive na corte de Oberon eu a vi ao lado de sua rival, Titania, a Rainha de Verão, que também era linda, mas de um jeito diferente, mais cruel

e arrogante. Titania também guardava ressentimentos contra mim por eu ser filha de Oberon e tentara me transformar em cervo uma vez, por isso ela não estava na minha lista de preferências. Embora fossem opostas, as duas rainhas eram muito poderosas. Titania era uma tempestade de verão, linda, fatal e propensa a usar raios para fritar tudo que a irritava. Mab era o dia mais frio do inverno, quando tudo fica quieto e morto, temendo o gelo implacável que matou o mundo anteriormente e poderia dar fim a tudo novamente.

A rainha estava reclinada em sua cadeira, cercada pela nobreza encantada – os sidhe – vestida com roupas caras e modernas, ternos brancos e listrados com a assinatura de Armani. Quando a vi pela última vez na corte de Oberon, Mab vestia um esvoaçante vestido preto que se movia como se fosse feito de sombras vivas. Hoje ela usava branco, um macacão branco, unhas opala e saltos marfim. O cabelo escuro estava preso num coque elegante no alto da cabeça. Olho negros e profundos, como uma noite sem estrelas, registraram minha presença e seus lábios se distenderam num sorriso.

Um arrepio percorreu minhas costas. Encantados não valorizam os mortais. Humanos são apenas brinquedos para serem usados e descartados. As duas cortes, Seelie e Unseelie, eram semelhantes nisso. Mesmo sendo eu mestiça de humano e encantado e filha de Oberon, estava agora sozinha na corte dos antigos inimigos de meu pai. Se eu irritasse Mab, seria impossível prever o que a rainha iria fazer. Talvez transformar-me em um coelho branco e instigar os goblins contra mim, embora esse fosse mais o estilo de Titania. Eu tinha um sentimento de que Mab poderia pensar em algo muito mais terrível e distorcido, e isso me fazia sentir muito medo.

Tiaothin atravessou o mar de encantados Unseelie, que nem davam atenção a ela. Boa parte do interesse de todos ali estava dirigindo a mim, e eu a seguia com o coração disparado no peito. Sentia os olhares famintos, os sorrisos ávidos, os olhos cravados em minhas costas e me concentrava em manter a cabeça erguida e o andar confiante. Nada atraía encantados com mais força que o medo. Um nobre sidhe com um rosto de ângulos agudos atraía minha atenção e sorriu,

e meu coração contraiu-se dolorosamente. Ele me lembrava Ash, que não estava ali, que me deixara sozinha naquela corte de monstros.

O frio da Rainha de Inverno tornava-se mais pronunciado na medida em que nos aproximávamos; logo ficou tão frio que respirar era doloroso. Tiaothin parou ao pé do trono e curvou-se. Fiz o mesmo, apesar de bater os dentes. Os encantados Unseelie se aglomeravam atrás de nós, suas vozes murmurantes e sibilantes me causavam arrepios.

— Meghan Chase. — a voz da rainha soou sobre a assembleia, me deixando de cabelo em pé. Tiaothin afastou-se e desapareceu no meio da multidão, deixando-me realmente sozinha. — Que bondade sua juntar-se a nós.

— É uma honra estar aqui, *milady*. — respondi, usando todo meu autocontrole para manter a voz firme. Mesmo assim ela vibrou, e não só por causa do frio. Mab sorriu como se estivesse se divertindo e me observou com aqueles olhos escuros e vazios de emoção. O silêncio se estendeu por alguns momentos.

— Então... — a rainha tamborilou com as unhas num ritmo cadenciado, me fazendo pular. — Cá estamos. Deve se achar muito esperta, filha de Oberon.

— Eu... Sinto muito? — gaguejei, como se dedos gelados agarrassem meu coração. Isso não estava começando nada bem.

— Não sente. — Mab continuou com um sorriso paciente. — Mas vai sentir. Não se iluda quanto a isso. — ela se inclinou para frente, sua aparência totalmente distinta de qualquer coisa que se aproximasse do humano e por um instante tive vontade de sair dali correndo e gritando. — Ouvi falar de suas aventuras, Meghan Chase. Não pensou que eu poderia descobrir. Enganou um príncipe da Corte Unseelie e o fez segui-la até o Reino do Ferro. Você o fez lutar por você contra seus inimigos. Você o prendeu a um contrato que quase o matou. Meu menino precioso, quase o perco para sempre por sua causa. Como acha que me sinto com isso? — o sorriso de Mab tornou-se ainda mais ameaçador e senti o medo revirar meu estômago. O que ela faria comigo? Me prenderia em um bloco de gelo? Ou me congelaria de dentro para fora? Gelaria meu sangue para eu nunca mais

me sentir aquecida, por mais que vestisse agasalhos, por mais que a temperatura subisse? Estremeci, mas notei um estranho movimento no ar à minha volta, como ondas de calor e percebi que Mab estava espalhando *glamour*, manipulando minhas emoções e me induzindo a imaginar o pior destino possível. Ela não precisava fazer ameaças nem dizer nada; eu mesma me apavorava sem nenhuma ajuda.

Em um momento lúcido de distração, imaginei se Ash havia feito o mesmo com minhas emoções, manipulando-as para eu me apaixonar por ele. Se Mab era capaz disso, os filhos dela deviam ter o mesmo talento. Meus sentimentos por Ash eram reais ou algum tipo de *glamour* fabricado?

*Agora não é hora de pensar nisso, Meghan!*

Mab me olhava analisando minha reação. Eu ainda tremia de medo, mas uma parte de mim sabia o que a rainha estava fazendo. Se eu perdesse a cabeça e implorasse por misericórdia, acabaria presa a um contrato encantado antes mesmo de saber o que estava acontecendo. Promessas são coisas sérias entre os encantados, e eu não ia deixar Mab me forçar a aceitar um acordo do qual me arrependeria instantaneamente.

Respirei fundo para organizar os pensamentos, para não começar a chorar como um bebê quando falasse com a Rainha de Inverno.

— Desculpe-me, Rainha Mab. — eu disse, escolhendo as palavras cuidadosamente. — Não tive a intenção de prejudicar ninguém. Precisava da ajuda de Ash para resgatar meu irmão que estava em poder do Rei do Ferro.

Ao ouvir-me mencionar o Rei do Ferro, a plateia reunida atrás de mim se agitou e grunhiu, trocando olhares temerosos e desconfiados. Senti dentes arreganhados, garras à mostra, pelos eriçados. Para os encantados normais, o ferro era mortalmente venenoso, esgotando sua magia e queimando a pele e a carne. Um reino inteiro de ferro era horrível e pavoroso para eles; um governante encantado chamado de Rei do Ferro era blasfêmia. Por um momento, pensei satisfeita que o encantado de Ferro se tornara o bicho-papão do mundo dos encantados e contive um sorriso vingativo.

— Eu a chamaria de mentirosa, menina, — Mab respondeu calmamente quando a agitação atrás de mim diminuiu — se não houvesse escutado a mesma coisa de meu filho. Tenha certeza de que os súditos do Rei do Ferro não nos ameaçam. Nesse exato momento, Ash e os irmãos estão varrendo nosso território em busca dessas criaturas. Se as abominações estiverem nos limites de nossas fronteiras, nós os caçaremos e destruiremos.

Senti uma onda de alívio, mas não por causa da declaração de Mab. Ash estava lá. Tinha um motivo para não estar na corte.

— No entanto... — Mab me olhou de um jeito assustador. — Não posso deixar de me perguntar como você sobreviveu. Talvez a corte de Verão tenha se associado aos encantados do Ferro, tramando com eles contra a corte de Inverno. Isso seria muito divertido, não é, Meghan Chase?

— Não. — falei em voz baixa. Em minha cabeça eu via a imagem do Rei do Ferro caindo quando cravei a flecha em seu peito e cerrei os punhos para não começar a tremer. Ainda podia ver o Machina se contorcendo de dor e sentia alguma coisa fria se movendo sob minha pele. — O Rei do Ferro ia destruir Verão e Inverno. Mas agora está morto. Eu o matei.

Mab estreitou os olhos.

— Quer que eu acredite que você, uma meio humana sem poder nenhum, praticamente, conseguiu matar o Rei do Ferro?

— Pode acreditar. — afirmou uma nova voz. Meu coração subiu à garganta. — Eu estava lá. Vi o que aconteceu.

Vozes soaram à minha volta. A multidão de Unseelie se abria como ondas. Eu não conseguia me mover. Estava colada no chão, o coração batendo muito depressa, os olhos fixos na forma esguia e perigosa do Príncipe Ash, que atravessava a sala.

Meu estômago se manifestava com pulsos e reviravoltas. Eu estremeci. Ash tinha a mesma aparência de sempre, sombriamente lindo em preto e cinza, a pele pálida contrastando com cabelo e roupas. A espada pendia ao lado do corpo na bainha preta. A arma tinha uma aura que lembrava o brilho glacial das geleiras.

Estava tão aliviada por vê-lo, que dei um passo em sua direção e sorri, mas parei aterrorizada ao me dar conta de seu olhar gelado. Confusa, parei onde estava. Talvez ele não me houvesse reconhecido. Fiquei olhando para ele, esperando ver o degelo nos traços de seu rosto, esperando por aquele sorriso discreto que eu tanto adorava. Nada aconteceu. Seus olhos gelados passaram por mim numa demonstração de desprezo e ele seguiu adiante, caminhando para a rainha. Senti uma onda de choque e dor; talvez ele quisesse fingir desinteresse diante da rainha, mas podia ao menos dizer um *oi*. Disse a mim mesma quealaria umas boas para ele mais tarde, quando estivéssemos sozinhos.

— Príncipe Ash. — Mab ronronou, vendo o filho se curvar sobre um joelho diante do trono. — Então voltou. Seus irmãos também vieram?

Ash levantou a cabeça, mas, antes que pudesse responder, outra voz o interrompeu.

— Nosso irmão mais novo praticamente desapareceu na pressa de chegar aqui, Rainha Mab. — disse alguém atrás de mim. — Se não o conhecesse, poderia pensar que ele não queria falar com você diante de nós.

Ash levantou-se com o rosto cuidadosamente impassível e outras duas pessoas entraram na sala. Como Ash, eles também levavam espadas longas e finas sobre o quadril e tinham o porte gracioso da realeza.

O primeiro, o que havia falado, era parecido com Ash no porte e na altura: esguio, gracioso e perigoso. Ele tinha rosto fino e pontudo, e cabelo negro e espetado como uma escova no alto da cabeça. Um casaco branco e longo esvoaçava atrás dele e um brinco de ouro brilhava em uma orelha pontuda. Seus olhos encontraram os meus de passagem, olhos azuis e gelados que cintilavam como lascas e diamante, e os lábios se distendiam num sorriso preguiçoso.

O segundo irmão era mais alto que os outros, mais magro e esguio, com longos cabelos negros presos em um rabo de cavalo que

descia até a cintura. Um grande lobo cinza o seguia e os olhos do animal pareciam observar tudo e todos.

— Rowan. — Mab sorriu para o primeiro príncipe quando ambos se curvaram como Ash diante dela. — Sage. Meus meninos finalmente em casa. Que notícias me trazem? Encontraram os encantados de Ferro nos limites de nossas fronteiras? Trouxeram-me seus corações venenosos?

— Minha rainha. — foi o mais alto dos três quem falou, Sage, o irmão mais velho. — Varremos Tir Na Nog de ponta a ponta, das Planícies de Gelo ao Pântano Gelado, passando pelo Mar de Vidro Quebrado. Não encontramos nenhum encantado de Ferro, nada parecido com o que nosso irmão descreveu.

— O que nos faz pensar se nosso querido irmão Ash exagerou um pouco. — Rowan falou, a voz combinando perfeitamente com a expressão debochada no rosto. — Considerando que as tais “legiões de encantados de Ferro” parecem ter desaparecido no ar.

Ash olhou para Rowan com ar contrariado, mas o mais velho parecia entediado. Eu me senti corar.

— Ele está dizendo a verdade. — falei. Todos os olhos se voltaram para mim. — Os encantados de Ferro existem e ainda estão em algum lugar lá fora. E se não os levarem a sério, estarão todos mortos antes que saibam o que está acontecendo.

Rowan sorriu para mim, um sorriso perigoso, frio.

— E por que a filha mestiça de Oberon se importa com o destino da Corte de Inverno?

— Chega. — a voz de Mab soou áspera. Ela se levantou e moveu a mão para os súditos reunidos atrás de nós. — Saiam, saiam agora, todos vocês. Quero falar a sós com meus filhos.

A multidão se dispersou, alguns mancando, outros se arrastando para fora da sala do trono. Hesitei, tentando atrair o olhar de Ash, sem saber se eu estava incluída naquela conversa. Afinal, eu também sabia sobre os encantados de Ferro. Consegui chamar sua atenção, mas o príncipe de Inverno me olhou com um misto de tédio e hostilidade.

— Não ouviu a rainha, mestiça? — ele perguntou com tom frio e meu coração ficou apertado. Olhei para ele boquiaberta, sem querer

acreditar que Ash estava falando comigo, mas ele prosseguiu com um desdém implacável. – Não é bem-vinda aqui. Saia.

Senti o ardor de lágrimas furiosas e dei um passo na direção dele.

— Ash...

Seus olhos brilharam e ele me encarou como se me odiasse.

— É *Senhor* Ash ou *Sua Alteza* para você, mestiça. E não me lembro de ter lhe dado permissão para falar comigo. Preste atenção nisso, porque na próxima vez que esquecer seu lugar, usarei a espada para aguçá-la sua memória. – ele se virou, dispensando-me com um gesto frio e arrogante. Rowan riu e Mab me observou do trono com um olhar frio, divertido.

Minha garganta se fechou e um dilúvio ameaçava transbordar dos meus olhos, pronto para explodir. Tremi e mordi o lábio para conter as lágrimas. *Não* ia chorar. Não agora, diante de Mab, Rowan e Sage. Eles esperavam por isso; podia ver no rosto de cada um deles, na expectativa com que me encaravam. Não podia demonstrar fraqueza diante da Corte Unseelie, ou não sobreviveria.

Especialmente agora que Ash se tornara um dos monstros.

Com toda dignidade que consegui manter, eu me curvei para a Rainha Mab.

— Peço licença, então, Majestade. – disse, ouvindo minha voz ligeiramente trêmula. – Vou deixá-la a sós com seus filhos.

Mab assentiu e Rowan se curvou para mim com exagero debochado. Ash e Sage me ignoraram completamente. Girei sobre os calcanhares e saí da sala do trono de cabeça erguida, com o coração se partindo um pouco mais a cada passo.